

cultura

Diário de Notícias

20-10-1983

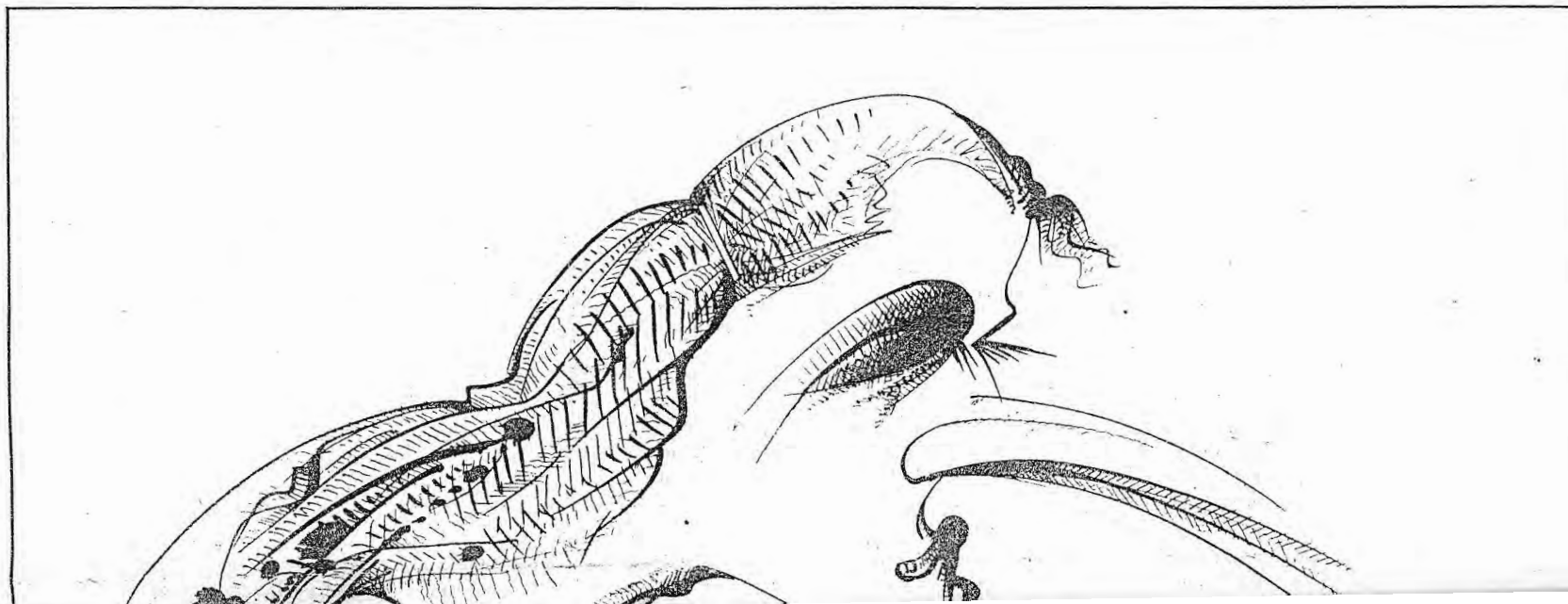
Dentro da palavra o orgulho de um povo

Para Hélia Correia, um dos novos prosadores portugueses, já se condensaram em nove anos de História, resultantes do 25 de Abril, afirmações, anseios e descobertas que os quarenta e oito anos de mordaza mantiveram suspensas, sem estatuto de urgência

**Inquérito conduzido
por António Valdemar**

Hélia Correia, um dos nomes em evidência na actual geração de prosadores, quer no romance «O Separar das Águias», quer mais recentemente, em «O Número dos Vivos», afirmou um estilo que se insere na área de uma nova escrita, no contexto da literatura portuguesa contemporânea.

Ao responder ao inquérito promovido pelo suplemento «Cultura», considera que o 25 de Abril viabilizou não só a publicação como, também, a concepção da maior parte das obras de ficção actual. De contrário, se não tivesse havido mudança do regime político, todas essas obras ficariam na «gaveta» da impotência, do desespero e da incomunicabilidade. Apesar disso não se verificou, no seu entender, em termos de escrita, uma ruptura com o passado porque «as



sobre os pontos de máxima tensão e a prosa portuguesa, mais do que a poesia, vive, de certo modo, nas suas próprias margens»

D. N. — *Considera que estamos perante um movimento de novos prosadores.*

Hélia Correia — Não, não creio que possa atribuir-se a um designado «movimento» a abundância e a riqueza da nossa prosa literária de hoje. Não se verificaram as condições objectivas nem as disposições subjectivas que criam movimentos. Onde estão o ideal, o programa comum, a dinâmica de um grupo, a sua bandeira estética?

O curioso é que perante este manancial de qualidade logo vêm as ânsias de modelar e de nomear — porque a recorrência a um modelo é tranquilizante e remete para o conhecido; e porque o nome domestica a coisa.

Cada autor — eu não diria «novo» prosador porque o que está a acontecer com a nossa literatura não é de modo algum um fenómeno de geração — tem um percurso próprio, temática, projectos, comportamento próprio. Não dá para fechar estes escritores num «ismo» seja ele qual for. E arrisco-me a dizer que isso é bom. Que nesta época em que a luta pela igualdade de condições sociais está muito longe de chegar ao fim, temos de encetar já outra luta pela tolerância de todas as diferenças, pela não redução, pelos não «ismos» — ou mudamos de século transformados em escravos de metal. Também na literatura me parece muito mais criativa a diversidade a que assistimos do que qualquer enfeudamento a escolas, ou profissões de fé aglutinantes.

Identidade cultural

D. N. — *A que circunstâncias pode atribuir o actual surto e como o caracteriza? Entende que há uma ruptura com o passado?*

H. C. — Os nossos prosadores têm entre eles grande diversidade. Há, porém, uma atitude comum a todos, uma fonte onde bebem a força e a

fertilidade — que é o reconhecimento da sua identidade cultural, uma grande atenção à matéria, à sua língua, à sua história. Estamos a acabar de vez com os nossos velhos e dolorosos complexos de inferioridade. E as obras literárias, como tudo o que é vida, estão por isso muito de saúde.

Sempre na nossa literatura houve essa luta entre as bocas abertas à espera de ordens vindas das capitais «civilizadas» e os defensores da nossa autoctonia. Mas hoje, creio eu, os segundos ganharam largamente a batalha. Há bons indícios de que ganharão a guerra.

Não me parece que a escrita de hoje se manifeste em termos de ruptura com escritas anteriores. Há escritores com abundante obra no passado que estão hoje entre os «novos» prosadores sem que para isso tenham sido obrigados a renegar as suas criações. Nem tem que haver ruptura porque parte importante da literatura do passado recente não chegou a ser escrita. As rupturas são feitas sobre os auge, sobre os pontos de máxima tensão — e a prosa

portuguesa, mais do que a poesia, viveu de certo modo nas suas próprias margens. Creio que os nossos prosadores estão muito mais empenhados no aperfeiçoar da sua obra que no efeito provocatório que ela possa ter em relação a obras anteriores.

Explosão na palavra

D. N. — *Em que medida se afasta ou se aproxima de outros movimentos culturais?*

H. C. — É ainda muito cedo para se responder a tal pergunta, creio. Poderia dizer-se que se afasta dos outros movimentos porque... não é um movimento? De qualquer modo é um fenómeno notável o facto de tantos escritores escreverem tão bons livros e de o público, a crítica e alguns meios de comunicação social darem tanta atenção à ficção portuguesa. É possível que à força de discutir-se, de explicar-se, de teorizar-se, se crie um movimento «à posteriori». Não seria a primeira vez que o espírito de uma época lançaria sementes muito disseminadas e de aparência autóno-

ma e só mais tarde a ideia e a intervenção comum se organizassem. Esperemos... e comprazamo-nos obra a obra.

D. N. — *E como explica este surto, tanto mais que ele não deriva de um grupo coeso, ou de um movimento organizado, com órgãos de comunicação social?*

H. C. — Este surto é o nosso orgulho. E, por isso mesmo que não é um movimento, corresponde a qualquer coisa de muito profundo, de muito renovador, de muito gratificante para todos nós. É muito significativo que escritores que não se conhecem, ou se conhecem mal, nunca tendo trocado opiniões, façam afirmações de sentido tão idêntico sobre a nossa literatura, sem que tal implique simbioses de qualquer ordem. Condensam-se em nove anos de História afirmações, anseios, descobertas que os quarenta e oito anos de mordida mantiveram suspensos, sem estatuto de urgência. Este surto é a explosão naturalíssima da palavra. E, dentro da palavra, do orgulho de um povo. Tão sem sentido e tão cheio de

sentido como qualquer explosão. Organizá-lo teria equivalido a retirar-lhe a força.

25 de Abril a liberdade de criação

D. N. — *Na sua opinião localiza-o, apenas, na prosa de ficção ou abrange, também, a poesia, o teatro, o ensaio, e outras modalidades criativas?*

H. C. — Abrange tudo — não o «movimento», mas o espírito novo — porque é um modo de estar no mundo. Não vale citar nomes para não omitir nomes, mas é ver o teatro dos grupos independentes, é ver os mais recentes poetas portugueses, ver o ensaio que cada vez mais se debruça sobre os nossos produtos culturais, se bem que, às vezes, ainda muito dependente dos suportes teóricos de alhures. No cinema, na música, em todos os domínios estamos a criar as nossas próprias obras, a construir os nossos próprios mitos. É bom ser

(Continua na pág. 16)

